

Veronica Stigger

2035

Constância estava dormindo quando os oficiais chegaram ao prédio. Eles eram dois e vestiam calças e coletes cinza-chumbo. Traziam consigo dois facões, um pé de cabra e um civil. Este último devia ter uns trinta e cinco anos e puxava um riquixá. Tinha as botas surradas, as pestanas grossas e o bigode bem aparado. Usava um gorro preto e um longo poncho marrom, já bastante puído (embora a primavera estivesse para começar, ainda se sentia o vento frio que vinha do sul). Às cinco e meia da manhã, um dos oficiais estacionou o civil e seu riquixá num canto da calçada, bem ao lado de uma antiga lixeira de metal, enquanto o outro, com o pé de cabra, forçava o primeiro portão de aço que dava acesso ao pátio de entrada do edifício de Constância. Eram dois os portões que deveriam ser vencidos. O primeiro permitia a passagem para um espaço quadrado, parecido com uma jaula, limitado pelo segundo portão ao fundo, por uma grade do lado direito e, do lado esquerdo, por uma guarita há muito desocupada, de cerca de três metros quadrados de área, coberta por limo e fezes de pássaros. Estacionados o civil e seu riquixá e aberta a primeira passagem, os dois oficiais ingressaram na jaula e se puseram a forçar juntos o grande cadeado do segundo portão. Um dos oficiais enfiou o pé de cabra no meio do cadeado, e os dois juntos, com uma solenidade aparentemente incompatível com a situação, se puseram

a girar a ferramenta em sentido anti-horário. Sem demora, o cadeado cedeu, e eles finalmente passaram para o jardim de entrada do edifício. Com os facões, foram abrindo caminho entre a vegetação alta que, em alguns pontos, chegava à altura do peito. Poucos minutos de percurso e estavam diante da porta do prédio: uma porta larga, alta, com um gasto friso de cobre que emoldurava um vidro totalmente trincado e coberto de fuligem. Um dos oficiais chutou o vidro, que se desfez em inúmeros cacos e numa nuvem de poeira negra. Num dos cantos do saguão, um vaso exibia um galho magro, comprido e pipocado de pequenos fungos. Pedacos de folhas secas se espalhavam sobre um retalho de tecido ocre, desfiado e carcomido em suas extremidades, que fora depositado sobre o piso rachado. Em outro canto, jaziam uma mesa e uma cadeira de madeira de lei, com letras, desenhos e traços abstratos riscados em suas superfícies. Ao centro, duas portas, também de madeira de lei e também riscadas em suas superfícies, deixavam entrever, por portinholas à altura dos olhos, os dois elevadores que já não funcionavam fazia um bom tempo. Atrás da mesa e da cadeira, estava a escada que levava ao décimo andar, onde moravam Constância e seus pais.

Às seis em ponto, os oficiais pressionaram a campainha do apartamento de Constância, que não soou. Eles pressionaram novamente e nada. Um dos oficiais bateu, então, com o pé de cabra na porta do apartamento, o

único do andar. O barulho súbito e inesperado acordou a menina. Ainda entre sonhos, Constância pensou que talvez fosse a fada dos presentes. Seus pais lhe haviam contado que, quando eram crianças, recebiam, nas datas de seus aniversários, o que chamavam de presentes. Na imaginação de Constância, até que fazia sentido a fada aparecer para ela justo naquele dia em que completaria dez anos. Dez anos eram uma idade cheia, ela já era quase uma adolescente, quase uma adulta na verdade, os sapatos de sua mãe já lhe serviam bem, ela não precisava mais colocar tantos pedaços de suas roupas velhas nas pontas dos sapatos, ela merecia um presente, podia até ser um presente pequeno. Enquanto Constância divagava deitada sobre o pano grosso de algodão que cobria o colchão velho e fininho, seu pai, assustado, foi atender a porta. Ele não acreditava mais na fada dos presentes e não tinha ideia de quem poderia ser. Com o ouvido direito encostado à grossa porta de madeira, também de lei, ele perguntou quem era. Os oficiais responderam que eram oficiais e que estavam ali para levar Constância. O pai queria saber que tipo de oficiais eles eram e para onde levariam Constância, ao que os oficiais redarguíram que eram oficiais do governo e que tinham ordens para pegar Constância e levá-la para tomar parte nas comemorações. O pai queria saber que comemorações eram essas de que eles falavam, e os oficiais disseram simplesmente que se tratava das grandes comemorações.

O pai, sem entender, ficou em silêncio. Tirou o ouvido da porta e começou a andar para frente e para trás, enroscando os fios de seu bigode entre o polegar e o indicador. Ora ele fazia que ia voltar para o seu quarto, ora se dirigia para o cofre, onde a família guardava as chaves. Os oficiais, por seu turno, deram novas pancadas com o pé de cabra na madeira de lei e pediram energicamente que o pai abrisse a porta senão eles teriam de arrombá-la. Nisso, apareceu a mãe de Constância com a chave da porta na mão. Ela se postou ao lado do marido, estendeu-lhe a chave e pediu-lhe, entre lágrimas, que ele abrisse a porta. O marido abraçou-a forte, beijou-lhe o rosto e limpou suas lágrimas com os dedos, antes de pegar a chave de sua mão, fazendo um sinal com a cabeça de que ele não queria abrir a porta. Ele expôs-lhe, a baixa voz, sua dúvida sobre a verdadeira identidade daqueles homens: temia que eles não fossem oficiais ou, pior, que fossem de fato oficiais do governo. Para a mulher, se eles não fossem oficiais ou mesmo se fossem de fato oficiais do governo, já não importava mais, o melhor era abrir logo a porta. O pai ia argumentar, mas a mulher, com os olhos brilhando, porque molhados das lágrimas, não lhe deu chance: apontou-lhe a porta com uma leve erguida de nariz. O marido repetiu o sinal negativo de cabeça e escondeu a chave atrás das costas, como se pudesse, com esse gesto, impedir de uma vez por todas a abertura

da porta. A mulher não se mexeu, apenas o olhou e deu de ombros. Cruzou os braços e, num movimento lento e reiterado, esfregou a cabeça em seu próprio ombro, como se quisesse coçar a testa, mas, na verdade, tentando disfarçar o choro que não conseguia conter. Os oficiais bateram e gritaram mais uma vez, exigindo a abertura da porta. O marido já não escondia mais a chave nas costas. Segurava-a na ponta dos dedos, olhando-a como se a contemplasse. Num gesto repentino, abriu a porta, e o casal, em suas esfarrapadas roupas de dormir, se viu subitamente cara a cara com os dois oficiais em vestes cinza-chumbo. Estes últimos imediatamente corrigiram a postura e, empertigados, repetiram que haviam recebido ordens para conduzir Constância às comemorações. Um dos oficiais estendeu um papel timbrado para os pais, que não o leram. O oficial devolveu o papel ao bolso e explicou que Constância seria a atração principal das comemorações e que eles deveriam levá-la o quanto antes, porque, do contrário, não haveria tempo para todos os preparativos, já que a festa começaria logo mais, às dez e meia da manhã, no horário exato em que Constância havia nascido. Sem dar tempo aos pais para retrucarem, os oficiais foram logo perguntando pela menina. Constância já estava de pé, encostada no batente da porta de seu quarto, tentando ouvir a conversa que se passava do outro lado do longo corredor que separava os quartos da sala de estar e

jantar, esta última perto de onde se achavam os oficiais e seus pais. O pai e a mãe de Constância não se moviam. Eles não falavam e, vez ou outra, trocavam olhares entre si. Diante da falta de reação dos pais, os oficiais, num tom seco e determinado, mandaram que Constância fosse apresentada a eles naquele exato momento. Do contrário, eles seriam obrigados a tomar certas atitudes. A menina, que ouvira falarem seu nome, saiu de mansinho de seu quarto e se dirigiu, de pés descalços, para a porta de entrada, fazendo o percurso com as costas encostadas contra a parede. Ao chegar lá, parou em pé entre seu pai e sua mãe e lhes deu as mãos, olhando de soslaio para os oficiais. Estes, no momento em que a viram, soltaram um suspiro de alívio. Um dos oficiais disse ao companheiro que descesse e trouxesse o civil. O companheiro saiu e o outro oficial ficou parado na porta, com os braços cruzados contra o peito, olhando especulativamente para Constância, que lhe devolia o olhar sem piscar. Os pais da menina também olhavam para o oficial, mas este não parecia interessado neles, continuava a admirar Constância, ora contraindo os olhos, ora abaixando-se e aproximando seu rosto do rosto da menina, como se buscasse vê-la melhor. O pai soltou a mão de Constância e começou a acariciar seus cabelos, enredando seus dedos nos fios longos e embaraçados. De súbito, ele a pegou no colo e deu-lhe um beijo estalado na bochecha, enquanto Constância mantinha

seus olhos fixos no oficial. A mãe tomou a filha dos braços do marido e a abraçou forte, escondendo a cabeça entre os cabelos da garota. Nisso, chegou o outro oficial trazendo o civil. Os dois estavam sem fôlego, porque haviam subido os dez lances de escada correndo. Ao ver os dois, o oficial que estava parado defronte à porta de Constância descruzou os braços e ordenou ao civil que colocasse a menina nas costas para que eles pudessem finalmente partir. O civil se aproximou da mãe de Constância de cabeça baixa. Parou à sua frente, mas não fez menção de pegar a menina. Apenas ergueu os olhos, sem levantar a cabeça, tentando divisar o rosto da mulher. A mãe, que olhava alternadamente para o marido, para o civil e para os oficiais, apertou a filha ainda mais contra o peito. Constância, por sua vez, se desvencilhou do abraço da mãe, esticou o braço esquerdo para a frente e passou os dedos de leve sobre o bigode do civil, que permanecia de cabeça baixa. Ela tirou-lhe o gorro, liberando seus desgrenhados cachos castanhos, e beijou-lhe a testa. Ele ousou olhá-la de frente e ela lhe estendeu os dois braços. O civil a tomou no colo, e a mãe, que resistiu por um instante antes de entregá-la, se curvou para beijar os cabelos da menina, mas desistiu no caminho e apenas deixou-se passar as pontas dos dedos sobre os fios louros de Constância.

Os dois oficiais estenderam as mãos direitas para os pais de Constância, que não corresponderam ao gesto; estes últimos estavam com os olhares voltados para a menina, que se afastava no colo do civil. Os oficiais ficaram alguns segundos com as mãos erguidas, até que, sem jeito, colocaram-nas nos bolsos das calças, murmurando apenas um obrigado, e saíram. Atrás deles, vinham o civil e Constância. Aquele, antes de descer as escadas, acomodou a menina nas suas costas. O pai e a mãe ficaram na porta, abraçados, observando a partida. Constância abanou para os dois, de longe, antes de sumir no corredor de acesso às escadas. Chegando à rua, o civil colocou a menina no riquixá e se preparou para puxá-la. Um dos oficiais deu a ela um chicote e disse-lhe que era para usar no civil. Ela olhou para o oficial, olhou para o chicote e franziu a testa. O oficial repetiu que era preciso usar o chicote no civil. Ela franziu novamente a testa e objetou que o machucaria se fizesse aquilo. Os dois oficiais insistiram com a menina, dizendo, desta vez, na tentativa de persuadi-la, que o civil estava acostumado, que ele não iria sentir nada, que ela não precisava se preocupar. Mas ela não queria, ela preferia não fazer. Os oficiais insistiam, mas Constância se recusava, cruzando os braços e sacudindo a cabeça para os lados. Um dos oficiais lhe deu então a justificativa derradeira: ela deveria fazer porque era parte das comemorações, era preciso que ela chegasse ao parque,

onde seria a abertura e onde se dariam os dez dias de festa, açoitando o civil que a transportava no riquixá. Mas ela queria saber o porquê disso, por que ela tinha que o açoitar se ela não queria fazê-lo, e os oficiais lhe disseram que era porque era assim que tinha sido determinado pelos organizadores. Mesmo sem estar de todo convencida, Constância pegou o chicote e o estalou, muito timidamente, contra as costas do civil. Os oficiais aprovaram sua ação com discreto balançar de suas cabeças e falaram que era isso mesmo que ela deveria fazer e que seria bom se ela o chicoteasse regularmente. Assim, eles se encaminharam ao parque. Saíram da estreita rua onde ficava o prédio de Constância e outros tantos iguais ao dela e dobraram na avenida larga. As ruas estavam silenciosas e praticamente desertas. Eles cruzaram apenas por um grupo de três pessoas, talvez uma família como a de Constância, que procurava alguma coisa entre uma série de sacos cheios e fechados que coloriam a calçada em frente a um prédio largo, parecido com um caixote, que ocupava quase todo o quarteirão. Constância espiou para dentro das portas escancaradas do prédio largo, de vidros quebrados, e viu um longo corredor ladeado por espaços menores divididos ao modo de baias. No centro deste corredor, notou ainda que havia escadas diferentes daquelas brancas, de mármore, de seu prédio. Elas tinham ranhuras em seus degraus, e o corrimão parecia ser não

de metal dourado, como em seu edifício, mas de um outro material, preto, esquisito. Constância ia pedir para entrar ali, para poder tocar naquele corrimão estranho, quando sua atenção foi desviada da escada para um parque que viu logo adiante. Ela perguntou aos oficiais se seria lá, naquele parque, que aconteceriam as comemorações. Os oficiais, que conversavam distraídos, não entenderam imediatamente a que ela se referia, mas logo perceberam o engano da menina e, divertidos, deram tapinhas carinhosos em sua cabeça e lhe disseram que lógico que aquele não era o parque das comemorações, aquele era bem menor que o outro, ela não teria dúvidas quando se aproximasse do parque certo. Eles dobraram em outra avenida à direita, e Constância pôde ter uma visão mais próxima do parquinho. Para quem, como ela, nunca tinha saído à rua, o parquinho parecia suficientemente imenso. Era bem maior que o jardim de entrada de seu prédio, que ela costumava ver da janela de seu quarto. A grama ali também estava muito alta, e as copas das árvores, de tão cheias, se fundiam umas às outras. Um homem, coberto com um poncho semelhante ao do civil, dormia num dos bancos de madeira do parque. Meia dúzia de livros servia-lhe de apoio para a cabeça e, a seus pés, se empilhavam uns cinco ou seis sacos cheios e coloridos. Uma mulher, que caminhava no sentido contrário ao deles, se aproximou do homem, chegou bem perto de seu

rosto, passou a mão em frente a seus olhos fechados e esperou um pouco, olhando-o sempre. O homem continuou dormindo. Ela, então, cheirou um por um os sacos coloridos e levou o vermelho debaixo de seu braço direito. Os oficiais, Constância e o civil seguiam sempre em frente. Os oficiais iam espanando a pontapés as folhas e a grossa camada de areia que se acumulava sobre a rua. O civil bufava um pouco, do esforço. E Constância estava encantada com os prédios que ficavam em torno da avenida: eles eram grandes como o seu, mas não tão grandes a ponto de terem um jardim. As portas de entrada costumavam ser na própria calçada. Mas, ao contrário do seu prédio, as grades ali não se restringiam às suas entradas, havia grades também em cada uma das janelas e em cada uma das sacadas, desde os andares mais baixos até os mais altos. Em alguns casos, umas grades se emendavam às outras, como se fossem galhos de plantas menores que se enroscam nos troncos das árvores maiores. Era bonito de se ver. Tinha janela que chegava a ter duas grades, uma por sobre a outra, imbricadas, fundidas. Eram grades escuras, grossas, algumas enferrujadas, outras, com grandes cadeados aparentes. De longe, alguns prédios davam a Constância a impressão de que haviam sido vestidos com uma meia que sua mãe tinha, e que fora de sua avó, que era toda tramada como uma rede. Numa esquina, cruzou por eles um rapaz muito parecido com o civil: também de bigode

bem aparado, também de poncho e gorro, e também levando um riquixá. Seu carrinho estava cheio de sacos coloridos e de pedaços de madeira e papelão. Quando avistou o homem dormindo no parquinho, parou seu riquixá e juntou os sacos coloridos restantes e os somou às suas próprias coisas. Os oficiais, Constância e o civil continuavam em frente. Vez por outra, o civil parava para tomar fôlego, e os oficiais obrigavam a menina a chicoteá-lo com mais força. Quando chegaram a outra esquina, desceram por uma rua à esquerda. Constância estava cada vez mais maravilhada com aquela sucessão de prédios, uns menores, outros maiores, que pareciam usar a meia de sua mãe. De vez em quando, passava por eles uma ou outra pessoa carregando um riquixá, sempre atulhado de sacos, papelão e madeira. Como os quatro, essas pessoas caminhavam pelo meio da rua, deixando a calçada livre para a poeira, as folhas secas, os galhos soltos, os sacos coloridos, os pedaços de papel, as fezes de pássaros, de cachorro e de gente. No fim da ladeira, eles dobraram mais uma vez e entraram em outra avenida. Um dos oficiais avisou que logo adiante era o parque. Constância esticou o pescoço para a frente, mas não conseguiu vê-lo. Chicoteou, então, com força as costas do civil. Chicoteou com tanta vontade que ele chegou a cair de joelhos no chão. Ela estalou novamente o chicote e, impaciente, disse-lhe para levantar porque ela queria ver o parque. O civil tentou apressar o passo, mas caiu

novamente de joelhos. Quando conseguia levantar, patinava no mesmo lugar. O peso do riquixá, que parecia ter aumentado ao longo do percurso, não lhe permitia fixar as botas no asfalto. Quanto mais a menina lhe açoitava as costas, mais ele derrapava. Depois de várias tentativas de se erguer e continuar caminhando, ele respirou fundo, concentrou-se no que fazia e conseguiu firmar os pés no chão, recomeçando a andar, lentamente. Alguns passos do civil depois e a menina avistou o parque. Tal qual os sacos plásticos que ela vira ao longo do trajeto, ele era colorido, vivo, luminoso. Assim que entraram na rua contígua, Constância pôde ver que o parque era realmente enorme. Não se podia abarcá-lo em sua totalidade num único golpe de vista. Num de seus extremos, justamente por onde os quatro entravam, havia muita luz e movimento. Tudo ali brilhava. Um carrossel, uma pequena montanha-russa, uma roda-gigante, um autochoque, um tiro ao alvo e outros brinquedos antigos estavam ligados, mas vazios. Ao lado, diante de uma série de casinhas coloridas, com cartazes afixados, dezenas de mesas e cadeiras de metal se espalhavam pelo parque, também vazias. As árvores haviam sido podadas, a grama estava baixa, e a rua, varrida. Constância não sabia para onde olhar. Ela ria, feliz. Batia palmas e dava saltinhos no riquixá. Quando eles chegaram à entrada principal do parque, a menina se deslumbrou com a visão das infinitas bandeiras que se

agitavam ao longo da esplanada central. Eram bandeiras enormes, de várias cores. Algumas apresentavam figuras reconhecíveis em seus centros: quadrados, triângulos, círculos, retângulos, cruzes, estrelas, ferramentas etc. Outras traziam desenhos abstratos, sugestivos, difíceis de decodificar. Grupos de oficiais acordavam homens e mulheres que dormiam nos bancos, fazendo-os levantar. No centro do parque, meia dúzia de prédios construídos especialmente para as comemorações chamavam a atenção pela beleza, pela monumentalidade e pela transparência. Eles eram completamente envidraçados. Através deles, se viam as árvores. Eram árvores imensas, de tipos variados, com as copas aparadas e cheias de flores.

Ao atingir o centro do parque, um dos oficiais tirou Constância do riquixá e a conduziu pela mão até o maior dos prédios envidraçados, enquanto o outro amarrava o civil e seu veículo numa das árvores. Na porta do prédio, o oficial entregou a menina para duas mulheres jovens, morenas, com os cabelos presos numa grossa trança e vestidas com aventais brancos. Essas mulheres sorriram para Constância e a levaram para uma sala toda branca, com um imenso sofá encostado à parede. A única coisa colorida naquela sala era a banheira: dourada. As mulheres livraram Constância de sua camisola surrada, de senhora, muito maior que ela, deixando-a nua. Duas outras mulheres, também morenas, também com os

cabelos presos em grossas tranças e também vestidas com aventais brancos, entraram na sala trazendo nas mãos um balde de metal. Depositaram esse balde a três passos da banheira dourada, longe do sofá branco. Pegaram a camisola de Constância e a colocaram dentro do balde. Uma das duas mulheres tirou do bolso do avental uma garrafinha de vidro e verteu um líquido transparente sobre a camisola. A outra pegou uma caixa de fósforos de dentro de seu bolso, riscou um e jogou-o aceso dentro do balde, que imediatamente se encheu de fogo. As quatro mulheres se aproximaram do fogo e ficaram admirando as chamas. Constância se aproximou também e ficou olhando, indecisa, do balde para as mulheres e vice-versa. O fogo deu um tom dourado e quente à sala branca. Quando a camisola terminou de arder, as quatro mulheres quebraram o silêncio com uma salva de palmas. Constância também bateu acanhadamente suas pequenas mãos. Enquanto duas das mulheres saíam da sala, as outras duas deram as mãos a Constância e a conduziram para perto da banheira. As duas primeiras retornaram, trazendo um pente, uma tesoura e um banquinho dourado. Elas fizeram Constância sentar-se no banquinho, e uma delas pegou o pente e a tesoura e começou a cortar os cabelos da menina. As outras três ficaram em pé, paradas lado a lado, com os braços cruzados atrás das costas, observando. Constância, quando viu seus cabelos caindo no chão,

começou a chorar. A mulher que lhe cortava as madeixas a consolou, com uma voz mansa, dizendo que ela não precisava chorar, porque ela estava fazendo aquilo para o cabelo de Constância ficar mais bonito, mais sedoso, ela ia gostar, podia ter certeza disso, agora era só se acalmar e ficar quietinha, que quanto mais quietinha ela ficasse mais rápido ela acabava com aquilo e mais rápido ela poderia ver o resultado. Constância foi parando de chorar e apenas fungava vez ou outra quando a morena passava o pente para tentar tirar os nós que transformavam os fios dos cabelos da menina em ninhos. Assim que a morena terminou seu trabalho, pediu para que uma das outras três mulheres trouxesse um espelho bem grande, para que Constância pudesse se ver. Uma das três saiu e voltou com o tal espelho, que depôs defronte à menina. Constância se olhou e quase não se reconheceu. A imagem que via era de uma menina loira, de olhos claros, com os cabelos bem penteados e cortados na altura dos ombros, com uma franjinha que lhe chegava perto dos olhos. Ela primeiro sorriu para si mesma, depois abriu ainda mais o sorriso, que terminou numa gargalhada. Constância ia se levantar e começar a dançar quando a morena a interrompeu e lhe disse, sorrindo, que ela ainda não estava pronta. Nisso, duas das morenas, que haviam saído da sala sem que Constância notasse, entraram com um outro balde de metal cheio de alguma coisa que fumegava. Elas viraram o líquido quente dentro da

banheira dourada, onde Constância foi colocada. Constância não era capaz de descrever a sua felicidade quando sentiu a água quente em suas pernas. Ela sorria e jogava a água no próprio rosto e mergulhava na banheira, divertindo-se. As quatro mulheres se revezavam em passar xampu e condicionador nos cabelos da menina e em esfregar o sabonete em cada parte de seu corpo. Constância ria feliz, ria das cócegas que sentia, ria com a água quente, ria até com o xampu entrando sem querer em seus olhos. Terminado o banho, as mulheres enrolaram a menina numa toalha que a cobria toda. Secaram-na, friccionando o tecido felpudo contra as pernas, os braços, a cabeça e o tronco da menina. Secaram também seus cabelos com uma máquina que expelia vento quente. Vestiram-na com uma túnica branca, que lhe cobria os joelhos. Calçaram-lhe sapatos de seu exato número, com figuras de homens e cavalos bordados sobre o cetim branco. Puseram-lhe uma coroa de flores sobre o cabelo cor de ouro e lhe trouxeram novamente o espelho. Constância gostou muito do que viu. Ela ria e dançava segurando as laterais da túnica. Duas das mulheres deram as mãos a Constância e a levaram em direção à porta. As outras duas vinham atrás. Na porta daquele edifício envidraçado, as quatro mulheres e Constância reencontraram os oficiais, que as esperavam com uma espécie de andor, carregado pelo civil, que agora vestia um poncho branco, e por mais três

rapazes parecidos com ele. Um dos oficiais ergueu Constância nos braços e a colocou na cadeira reservada a ela. Quando os civis levantaram o andor, fogos de artifício coloriram o céu de verde, vermelho e amarelo. Aqueles homens e mulheres, que antes dormiam nos bancos, chegaram mais perto para ver os fogos. Outros, que transportavam seus riquixás pelas ruas transversais, pararam por alguns instantes para se informar sobre o que acontecia. Uma ou outra pessoa que passava, célere, por ali, diminuiu um pouco o passo, curiosa. Os civis desfilaram ao longo do parque com Constância sentada no andor: eles foram até o outro extremo e voltaram. Dez grupos de dez crianças cada – todas de dez anos e também vestidas com túnicas brancas – dançavam em volta do andor de Constância. A menina olhava para tudo e para todos, sorrindo. O grupo chegou ao centro do gramado do parque e parou ao redor de uma imensa almofada azul, sobre a qual os quatro civis depositaram Constância, antes de saírem dali carregando o andor vazio. O primeiro civil, aquele que trouxera Constância em seu riquixá, virou-se para trás enquanto se afastava e, com um sorriso triste, admirou a menina. Quatro oficiais se aproximaram de Constância e a seguraram cada um por um de seus membros, erguendo-a no ar. Quatro outros homens, todos de branco, vestindo calças de pernas folgadas e camisas de mangas compridas, se aproximaram, a cavalo, dos quatro oficiais. Cada um dos

oficiais amarrou uma das pernas ou um dos braços de Constância na sela de cada um dos cavalos. Constância sentiu o calor do sol no rosto, fechou os olhos e sorriu mais uma vez. Os quatro cavaleiros, ao som do primeiro disparo de canhão, comprimiram simultaneamente suas esporas contra as costelas dos cavalos que montavam fazendo-os disparar. Cada um correu para um lado, levando consigo um dos membros de Constância e deixando um rastro vermelho sobre a grama verde. O tronco da menina pousou novamente sobre a grande almofada azul, na qual estavam bordadas, com um fio muito claro e vivo, pequenas estrelas brancas.



Este livreto foi distribuído  
gratuitamente  
na internet  
em 9 de maio de 2012